

EDUARDO LOURENÇO — Pessoa Revisitado, Porto. Editorial Inova, 1973, 248 pp.

O A. dos mais consagrados ensaístas contemporâneos de Portugal apresenta-nos uma análise interpretativa da poesia de Fernando Pessoa, numa linha que difere um pouco dos trabalhos até hoje apresentados sobre o assunto.

Inicialmente é preciso que se diga que E. L. toma diante do texto pessoano, uma atitude eminentemente culturalista, o que explica as recorrências a Freud e neste sentido inclusive o A. procura discutir a validade da posição dos críticos e biógrafos de Pessoa, especialmente João Gaspar Simões, Jacinto do Prado Coelho, Mário Sacramento, Adolfo Casais Monteiro, Jorge de Sena e outros.

O que nos parece agudíssima é a penetração vertical proposta à obra pessoana em si mesma, porque aqui inclusive o livro toma uma atitude dinâmica, resultando evidentes os caracteres de investigação, discussão, atitude pessoal e originalidade da parte de E. L.

A célebre unidade na diversidade, defendida por Jacinto do Prado Coelho é discutida e posta em questão, numa revisão em profundidade, de Pessoa-Ele-mesmo, Álvaro de Campos, Alberto Caeiro e Ricardo Reis.

A linha do drama-em-gente que Pessoa quis organizar e acentuar é retomada pelo ensaísta, num ângulo novo, em que se enfatiza decididamente o texto poético, deixando-se os elementos biográficos e históricos do poeta em plano segundo.

Revedo inicialmente a posição da crítica (e dos críticos), o A. assinala três que lhe parecem evidentes: a biográfica, a sociológica e a literária representadas respectivamente por João Gaspar Simões, Mário Sacramento e Jacinto do Prado Coelho.

No inventariar dos críticos, E. L. valoriza a posição de Casais Monteiro, Jorge de Sena e José Régio, porque são poetas e críticos de sentidos aguçadíssimos e tomam posições distintas diante de Fernando Pessoa. E. L. acentua especialmente a idéia de Régio em torno do que chama a poesia clara:

“Quanto a essa “poesia” mesma, poucos críticos, talvez só dois (é verdade que poetas também) souberam subtrair-se ao menos em princípio, ao alegado caos da complexidade de Pessoa que é inteligível e ao dos comentadores que é o menos, declarando em suma que “a poesia de Pessoa é demasiado clara”. José Régio o insinuou sempre, como forma de a neutralizar e Antônio Ramos Rosa com clara perspectivação a partir de um horizonte cultural de mais radical hermetismo que aquele que serve a Pessoa de matéria poética mas não de obstáculo puro.

Como se vê, revela-se de enorme interesse a posição que poetas de primeira água tomaram com relação a Fernando Pessoa porque sempre acentuaram as reais qualidades do autor da *Mensagem*.

Para com mais clareza expor seu pensamento, E. L. dividiu seu livro em capítulos aliás curiosíssimos na linha da terrível curiosidade que é toda a obra poética de Pessoa: I — Considerações pouco ou nada intempestivas; II — A curiosa singularidade de “Mestre Caetano”. III — Ricardo Reis ou o inacessível paganismo. IV — O Mistério Caetano na luz de Campos e vice-versa. V — Álvaro de Campos I ou as audácias fictícias de Eros. VI — Dois interlúdios sem muita ficção. VII — Álvaro de Campos II ou A agonia Eróstrato-Pessoa. VIII — A existência mítica ou a porta aberta. Seguem-se notas.

Como se vê o A. pretende deter-se nas características de Pessoa-Ele-mesmo e na de seus heterônimos, reservando especialmente dois capítulos para Álvaro de Campos, numa aceitação de que este se constitui na voz mais forte e atuante do poeta.

E. L., afirmando que toda a Literatura Ocidental se estrutura entre dois temas monótonos e grandiosos como o oceano, o amor e o terror, desloca o eixo da poesia pessoana para este último, mostrando que a expressão do primeiro se faz através do último:

“Toda a Literatura Ocidental se estrutura em função de dois temas, grandiosos e monótonos como o oceano: o ao Amor e o do Terror...” p. 136 e

continua:

“No intervalo que separa e une cada uma dessas puras traduções do Amor e do Terror se espectraliza a forma híbrida do romance. O mundo poético de Pessoa pertence naturalmente a esta última configuração que à sua maneira denominou dramática. (p. 137).

Talvez ao invés de Terror que me parece um pouco forte demais e também porque o Amor não é tônica relevante em

Pessoa, conviria deslocar o eixo de sua obra poética para uma realidade mais palpável: a do espanto. Especialmente através de Álvaro de Campos e Alberto Caeiro, seus dois heterônimos de maior relevância.

Ao grau zero da escritura de um José Augusto Seabra, proposto para a poesia de Alberto Caeiro, prefere E. L. situar a poesia pessoana no grau ômega, na medida em que o autor de *O Guardador de Rebanhos* caminha no sentido da prosa poética, no abandono a uma vida natural em contacto com a Natureza.

O livro de E. L. vale especialmente porque constitui não-aceitação (mas sem ser sistemático) das idéias preestabelecidas, mas numa revisão crítica da crítica e numa tomada de posição eminentemente pessoal, com relação ao texto do poeta.

Assinale-se ainda a discussão lúcida do peso de poetas estrangeiros a que constantemente recorre o A., e dentre eles situam-se Walt Whitman, Rimbaud, Mallarmé. Da lucidez e da profundidade com que E. L. trata do assunto basta assinalar sua afirmação na página 145:

“Toda a sua poesia é o doloroso labirinto desta ambigüidade procurando todas as portas para sair dela sem outro efeito do que o encerrar-se nele cada vez mais profundamente, até tornar-se no seu próprio Minotauro.” (p. 145).

Desnecessário insistir-se na obrigatoriedade da leitura do presente trabalho, para os interessados na Literatura Portuguesa e em especial na poesia pessoana.

JOÃO DÉCIO